

A EDUCAÇÃO ESTÉTICA **DE SCHILLER: DA FRAGMENTAÇÃO À INTEGRALIDADE ANTROPOLÓGICA**

JADERSON GONÇALVES NOBRE¹

Resumo: Será tratado, nesta pesquisa, o texto das *Cartas de uma Educação Estética da Humanidade* de Schiller, filósofo, poeta, historiador, dramaturgo alemão, escrito no Século XVIII, entre Kant e Hegel, tanto quanto ao tempo quanto ao pensamento. Serão destacados alguns conceitos mais fundamentais no que diz respeito ao tema proposto nesta pesquisa, a saber, a integralidade entre sensibilidade e racionalidade, a integralidade antropológica. O conceito de fragmentação e modernidade, assim como educação estética, beleza e sua relação com a liberdade e, por fim, refletir sobre a importância política da arte, no sentido de uma educadora social, por meio de uma sensibilização dos sentidos de uma forma harmônica com a razão.

Palavras-chave: Estética; Fragmentação; Integralidade;

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UECE); nobre_jederson@hotmail.com

A beleza deve, pois, ser vista como cidadã de dois mundos, pertencendo ao primeiro por nascimento e ao segundo por adoção; ela recebe sua existência na natureza sensível e obtém seu direito de cidadania no mundo da razão.

Sobre a Graça e a dignidade, Friedrich Schiller.

1. Modernidade e fragmentação nas *Cartas*

A modernidade se caracterizou como um período da história da humanidade em que houve uma supervalorização do uso da razão. Com a libertação da necessidade de seguir os padrões religiosos indicados nas Escrituras Sagradas cristãs e com o desenvolvimento das ciências exatas o homem moderno desenvolveu sua racionalidade de forma bastante definida. Era preciso reconstruir as bases da Filosofia. Esse foi o projeto da modernidade, dar à Filosofia novos fundamentos, redescobrir em suas origens sua verdadeira essência. Empenhado em sua tarefa, ou seja, a de desenvolver de forma plena sua racionalidade, o homem moderno vai cada vez mais se libertando das amarras de sua sensibilidade. Era preciso que a racionalidade se libertasse dos impulsos sensíveis a fim de que pudesse, de forma livre, pura, raciocinar com perfeição. Já em Descartes é possível identificar o projeto moderno, que por fim desencadearia no Idealismo alemão. Deveria esse novo homem, que surgia extrair de si tudo o que lhe fosse necessário. Com isso, quanto mais o homem se aprofundava em sua razão, mais ele se afastava de sua sensibilidade.

Ao fazer uma reflexão sobre o seu tempo, Schiller se depara com a fragmentação. “Nas classes baixas (...) aparece instintos grosseiros e sem leis, que pela dissolução do vínculo da ordem cívica se libertam e procuram, com furor indomável, sua satisfação animal”, e como posturas opostas, porém ainda mais “repugnante” é a postura das classes civilizadas, que ao atingir “a lustração do entendimento, (...) mostra em geral uma influência tão pouco enobrecedora sobre o caráter que, até pelo contrário, solidifica a ruína com princípios”². Essa fragmentação, para Schiller, impossibilitaria a moralidade. Era preciso que essas duas disposições, sensibilidade e racionalidade, entrassem em harmonia, pois somente assim a possibilidade moral estaria presente. Seria isso possível? Não seria esta a situação dos homens em qualquer período de sua história?

² SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade*, [1795], Trad. br. Roberto Schwarz. São Paulo: Editora EPU, 1991, p.48.

O homem grego desenvolveu suas faculdades racionais assim como sua sensibilidade. “Naqueles dias do belo acordar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham, com rigor, domínios separados; a discórdia não havia incitado ainda a divisão belicosa e a determinação das fronteiras”³. Eram os homens gregos “ricos, (...) de forma e plenitude, filosofando e formando, delicados e enérgicos, unindo a juventude da fantasia à virilidade da razão em maravilhosa humanidade”⁴. Em tais homens, porém, esse desenvolvimento se deu, ainda, de uma forma bastante precária, ingênua. Na Grécia estava a razão em momento de formação e a Filosofia realizando os seus primeiros passos. Ali a razão não tinha ainda as condições de discernir, de forma mais elaborada, as suas faculdades. Neles a sensibilidade se deu de forma esplendorosa, mas ali ainda de forma apenas em si, sem consciência de sua estrutura.

A natureza grega desposou todos os encantos da arte e toda a dignidade da sabedoria sem tornar-se, como a nossa, vítima dos mesmos. (...) Vemo-los ricos, a um tempo. De forma e de plenitude, filosofando e formando, delicados e enérgicos, unindo a juventude da fantasia à virilidade da razão em maravilhosa humanidade. (...) Naqueles dias do belo acordar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham, com rigor, domínios separados; a discórdia não havia incitado ainda a divisão belicosa e a determinação das fronteiras⁵.

O homem moderno, em sua busca pelo pleno desenvolvimento de sua razão, afastou-se do corpo, mas somente assim foi capaz de compreendê-lo. Tendo a razão desenvolvida de forma consciente, era agora possível ao homem moderno, compreender sua sensibilidade e tornar-se consciente de si. Era possível a esse homem não mais o apenas em si, dos antigos, mas o em si e para si. É com base nesse argumento que se diz que a Estética como ciência da sensibilidade é uma atividade genuinamente moderna⁶, pois só aqui tem o homem plena consciência de suas faculdades, podendo agora racionalizar acerca de sua sensibilidade.

A crítica feita por Schiller à fragmentação do homem, de suas disposições e da sociedade, é também o seu ponto forte, pois mesmo com essa fragmentação, só por meio desta, ele poderá elevar o seu estado de consciência. Só por meio da penosa fragmentação que agora é possível que o homem desenvolva de forma plena o que realmente ele é. Nesse sentido Schiller sustenta:

³ Idem, p.50.

⁴ Ibidem.

⁵ Idem, p.50.

⁶ FRANZINI, Elio. *A Estética do Século XVIII* [1995]. Trad. port. Isabel Teresa Santos. Lisboa: Editorial Estampa 1999, p.35.

Embora não haja felicidade para estes indivíduos fragmentados, inexistia outra maneira de a espécie progredir. A aparição da humanidade grega foi indiscutivelmente um máximo que não poderia durar nem superar-se em seu nível. Não podia durar porque o entendimento, pelo acúmulo que até então realizara, era inevitavelmente forçado a separar-se da sensação e da intuição para aspirar à nitidez do conhecimento; não podia também subir mais porque apenas um certo grau de clareza pode coexistir com uma determinada plenitude e temperatura. (...) este antagonismo das forças é o grande instrumento da cultura, mas apenas o instrumento, pois enquanto dura, está-se apenas a caminho⁷.

Era preciso agora unir, integrar suas disposições, pois mesmo tendo a clareza da razão, não estava o corpo preparado para seguir tais prescrições propostas por seu espírito. Sua liberdade prescreveu leis que sua natureza necessária não estava educada a seguir. “A possibilidade *moral* está ausente, o momento generoso não encontra uma estripe que lhe seja sensível”⁸.

Diante dessa situação Schiller, encontra na filosofia kantiana os argumentos adequados para desenvolver sua teoria acerca da modernidade e da necessidade de uma educação estética. Sendo a faculdade de julgar, o juízo estético, o elo entre racionalidade e sensibilidade, entre liberdade e necessidade, seria ele o único capaz de devolver essa integralidade à humanidade. O mesmo argumento formulado acerca da fragmentação do homem moderno foi também realizado por Schiller na abordagem sobre a sociedade e o indivíduo. Como poderia entrar em harmonia o homem livre em sua vontade com o estado que lhe impõem leis? Exatamente aqui se encontra a verdadeira filosofia schilleriana. Seria esse mesmo caráter estético que levaria o homem à sua integralidade, que levaria também a sociedade à harmonia. Podemos perceber a forte intenção política de Schiller ao fundamentar sua arte. Com propostas políticas, Schiller teria sido levado a escrever todas as suas obras estéticas e filosóficas. Segundo ele: “no homem ético deverá estar primeiramente acalmado o conflito dos elementos, dos impulsos cegos, e a contraposição grosseira deve ter cessado antes que se possa ousar favorecimento da multiplicidade”⁹.

Desde muito cedo, Schiller sofreu vários infortúnios impostos pelo Estado. O que o conduziu a dedicar-se a movimentos revolucionários, a uma busca pela liberdade que o Estado queria lhe roubar. Baseado nesse contexto percebe-se ainda, de forma mais clara, o seu profundo interesse pela questão da liberdade. O estudo aprofundado dessa disposição humana levou Schiller a conseqüências fascinantes. A partir de Kant se conduziu a questão do estético ao âmbito da harmonia entre natureza e razão, entre a tão discutida, por toda

⁷ SCHILLER, Friedrich. *Cartas Sobre uma Educação Estética da Humanidade*, p.56.

⁸ Idem, p.47.

⁹ Idem, p.59.

tradição filosófica, relação entre forma e matéria, ou ainda, para ser mais exato, entre unidade e multiplicidade. Tais questões podem ser encontradas desde os princípios da Filosofia, como, por exemplo, nos pré-socráticos Heráclito e Parmênides.

Na moral moderna, moral kantiana, moral fundada na liberdade, é a liberdade, portanto, que deve nos servir de guia para que possamos fundamentar nossas ações. Schiller identifica, porém, que, mesmo tendo o homem moderno levantado todo seu edifício e fundamentado em bases seguras sua moralidade, agora livre, era preciso tornar sua efetividade possível. Isso só ocorreria por meio de uma nova educação, de uma nova formação do homem. Era preciso, com urgência, uma nova educação que tivesse seus fundamentos no caráter estético. Aprofundaremos melhor tal argumento mais adiante, ou seja: a relação entre estética e moral.

2. Sobre a urgência de uma educação estética

O projeto moderno de desenvolvimento de sua racionalidade teve grande êxito. Atingiu, com um grau bastante elevado, clareza das ideias. A ilustração buscada pela modernidade teve êxito. Poderia agora o homem moderno fundar toda a sua moral em sua racionalidade, ou seja, em sua liberdade. Sabia o homem moderno o que seria o bom a se fazer. Por que isso não acontecia? Por que conhecendo as boas leis, não se encontrava na modernidade boas ações? Essa foi a pergunta feita, por Schiller ante a filosofia kantiana. A razão atingiu um grau de desenvolvimento adequado, mas não levou consigo a sensibilidade a esse patamar de desenvolvimento. “a razão terá feito o que pode fazer ao encontrar e postular a lei; a realização depende da vontade corajosa e do vivo sentimento”¹⁰.

Sempre é levada em conta a necessidade de satisfazer a ambas as legislações do homem, pois sendo um conjunto de sensibilidade e racionalidade, é preciso encontrar uma forma de mantê-las harmônicas entre si: forma e matéria não podem conflitar entre si. Como levar harmonia a duas coisas tão distintas, se a razão é livre e, portanto, impõe leis arbitrárias ao homem, enquanto a matéria segue leis da natureza, leis invioláveis? O homem apenas possui liberdade, escolha, no campo da razão, pois no campo da natureza ele apenas segue as leis de causa e efeito. É por meio da razão que deverá ocorrer a mudança, a busca pela harmonia. É preciso educar nossa razão a querer o que a natureza nos impõe. Em referência à sensibilidade, o que a natureza nos impõe são impulsos: “Impulsos são as únicas forças motoras no mundo sensível”¹¹.

¹⁰ Idem, p.60.

¹¹ Idem, p.61.

É preciso educar os sentidos, os impulsos, para que, na ação prática não haja violência da razão sobre a sensibilidade: o que impede a boa ação. Torna-se necessário educar os sentimentos, “pois o caminho para a cabeça precisa ser aberto pelo coração. A educação do sentimento, portanto, é a necessidade mais urgente de nosso tempo”¹². Schiller faz uma distinção entre a ação moral e a ação bela. Na ação moral, segundo Kant e posteriormente para todo o mundo ocidental, é na ação onde se faz o bom, pelo puro dever de se fazer o certo, apenas baseado em sua liberdade, sem imposições exteriores. Deve-se fazer o bem, portanto, mesmo quando essa ação se contraponha à sensibilidade, o dever pelo dever. O homem é natureza e razão, logo suas ações devem corresponder a essas duas disposições do seu modo de ser. Schiller sempre põe em questão essa integralidade necessária à humanidade. Como agir então sem ferir a si mesmo? Por meio da ação bela. A ação bela, a ação estética, seria aquela em que a sensibilidade e a liberdade estão em plena harmonia, onde os sentidos, os impulsos sensíveis estão educados com as ideias da razão.

Surge um novo questionamento: como podemos educar nossos sentidos, se nossa cultura esta toda fragmentada e corrompida pelos abusos do Estado? Era preciso que já fôssemos sábios para que soubéssemos o que deveríamos fazer corretamente. É aqui que se encontra a tarefa do gênio e das belas-artes. Schiller propõe que essa educação deve se realizar por meio da arte que, elevada a um patamar na qual está livre das imposições de seu tempo, ela nos possibilita encontrar a verdade. “Embora seja filho de seu tempo, está mal o artista quando é também seu pupilo, ou pior ainda, seu protegido”¹³. Levantando Schiller em sua *Carta IX* acerca desses argumentos a seguinte indagação:

Não estaremos andando em círculo? Toda melhoria política deve partir do enobrecimento do caráter – mas como pode enobrecer-se o caráter sob a influência de uma constituição estatal bárbara? Para esse fim seria preciso encontrar um instrumento que o Estado não dá e abrir fontes que se conservam limpas e puras apesar de toda podridão política. (...) Este instrumento está nas belas-artes, estas fontes abrem-se em seus modelos imortais. Arte e ciência são desobrigadas de tudo que é positivo e que foi introduzido pela convenção do homem, ambas gozam de uma absoluta imunidade em face do arbítrio humano¹⁴.

Transformando assim artista em educador, não no sentido de um pedagogo, mas como um formador da sociedade, o modelo livre da arte, imortal, deve servir de força para que possamos educar os sentimentos, os impulsos, dando forma à matéria disforme. A arte possui, para Schiller, um

¹² Idem, p.62.

¹³ Idem, p.64.

¹⁴ Idem, pp.62 - 63.

forte papel social, harmonizador, integrador, não se isolando de seu tempo, mas como um transformador dele, sem que com isso, seja o gênio, o artista por ele corrompido. Como nos diz essa bela passagem da *Carta IX*:

Vive com teu século, mas não sejas sua criatura; serve teus contemporâneos, mas serve-os no que precisam e não no que louvam. Sem partilhar sua culpa, partilha com nobre resignação seu castigo e aceita livremente o jugo das que são incapazes de suportar tanto o peso quanto a falta. (...) tua própria nobreza irá acordar (...) a deles ao passo que sua indignidade não aniquilará tua finalidade. (...) onde quer que encontrares, cerca-os de grandes, nobre e espirituosas formas, envolve-os de símbolos da excelência até que a aparência supere a realidade e a arte a natureza¹⁵.

O homem pode negar sua integralidade de duas formas distintas: pela “brutalidade” dos sentidos se impondo por sobre a razão, ou pela “perversão” da razão sobre a sensibilidade. Caberá à beleza o papel de unificar e evitar que ambas as transgressões das disposições não se efetuem.

3. Beleza e Liberdade nas *Cartas*

Para se compreender a teoria estética de Schiller é preciso abordar temas fundamentais como a beleza e a liberdade. Como já foi postulado anteriormente, o tema liberdade, que acompanha Schiller desde o começo de sua vida, é central em sua filosofia. Como “escreveu Goethe a Eckermann: (...) a idéia de liberdade percorre todas as obras de Schiller”¹⁶. Trata-se de uma liberdade ontológica, mas também de uma liberdade com sua efetiva realização no plano histórico, social e político, contra toda opressão do Estado tirano autoritário; portanto, uma liberdade filosófica, mas também uma liberdade política. Novamente podemos perceber uma forte relação entre a filosofia estética de Schiller e uma filosofia moral, política, histórica.

A relação com a beleza, outra categoria central no pensamento filosófico de Schiller, é fundamental. Conforme Schiller: “existe pois uma tal visão da natureza ou dos fenômenos na qual exigimos deles nada além do que liberdade, na qual apenas vemos se eles são o que são por si mesmos”¹⁷. Por conseguinte, liberdade é deixar que o fenômeno se apresente sem a interferência de conceitos, de pré-determinações. “A liberdade no fenômeno é a autodeterminação em uma coisa, na medida em que se revela na intuição”¹⁸.

¹⁵ Idem, pp.66 - 67.

¹⁶ CORDON, Navarro Manuel Juan “*Repensar a Schiller*”: p.XIII. “Escrebio Goethe a Eckermann; que la idéia de libertad recorre todas las obras de Schiller”.

¹⁷SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a Beleza*, p.68.

¹⁸ Idem, p.68.

O belo recebeu durante o desenvolvimento dos estudos de estética na modernidade, quatro formas de defini-lo, de acordo com Schiller, no qual a quarta via seria a sua proposta:

Explica-se o belo objetiva ou subjetivamente; e, a rigor, ou de modo subjetivo sensível (como Burke e outros), ou subjetivo racional (como Kant), ou objetivo racional (como Baumgarten, Mendelssohn e todo o bando dos homens da perfeição), ou, por fim, de modo objetivo sensível. (...) cada uma dessas três anteriores detém (...) uma parte da verdade; e o erro parece ser meramente que se tenha tomado essa parte da beleza, que concorda com ela, pela beleza mesma¹⁹.

Isso levará alguns filósofos como Hegel, Nietzsche e Lukács a considerar Schiller como o primeiro filósofo a trilhar o caminho que leva do idealismo-subjetivo ao idealismo-objetivo²⁰. Sendo a beleza a concordância entre a natureza e a forma, ser o que se é, ou seja, a perfeição, só se pode sentir o belo, portanto, por meio da liberdade, da experiência livre de conceitos, deixando que a coisa se revele, se auto determine.

Não é por meio da razão pura que se intui o belo, mas por meio de intuições livres. “A beleza (...) habita apenas no campo dos fenômenos, e não há, pois nenhuma esperança de, mediante a mera Razão teórica e pela via do pensamento, topar com uma liberdade no mundo sensível”²¹. Daí a ligação feita por Schiller entre estética e educação: educação no sentido de uma formação, como atividade política, pois sendo a arte bela, ela pode “explicar-se a si mesma, (...) explicar-se sem o auxílio de um conceito”²². Sendo a arte livre, bela, não estará determinada pelo Estado, o que lhe possibilita o papel de educadora, mesmo em uma cultura em que os costumes degradem a paz social. Mesmo em uma sociedade com muitas degenerescências, a arte tem a capacidade de assumir o papel de educadora, de formadora de uma sociedade integral levando sensibilidade aos “embrutecidos” pelos conceitos e unidade aos “instintos grosseiros e sem leis” causados pelo abandono da razão.

4. O sentido do estético na recuperação da integralidade antropológica nas Cartas

Tendo Kant, por meio das três *Críticas*, exposto acerca da importância da ação moral, livre, e percebendo Schiller que essa ação moral não era possível naquele período, pois as degenerescências causadas pelo movimento de desenvolvimento da razão, ocorrido na modernidade, impossibilitou uma

¹⁹ Idem, p.42.

²⁰ CORDON, Navarro Manuel Juan: “Repensar a Schiller”, p.XI.

²¹ SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a beleza* [1847]. Trad. br. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p.69.

²² Idem, p.70.

harmonia entre o que se quer com o que se deve ser, propõe ele uma educação estética do homem. Trata-se de uma educação em que sejam consideradas sensibilidade e racionalidade, onde a razão (que é livre), por meio de um conformar-se com a sensibilidade (que é necessária), entraria em uma perfeita harmonia. Desse modo, o homem integral, que seria transformado pelo caráter estético, teria a possibilidade de exercer sua ação moral. Agora, nesse homem estético, sua moralidade entra em sintonia com sua sensibilidade.

Sendo o mundo da natureza, um mundo em que existe uma relação entre causa e efeito, necessário, enquanto a vontade do homem é livre, para que o homem exerça sua liberdade de forma plena, objetivamente, é preciso que o racional, que é livre, entre em acordo com o imutável, ou seja, com a natureza. É preciso uma educação dos impulsos sensíveis e morais, pois essas duas forças são as únicas capazes de levar o homem à ação. De acordo com Schiller:

A razão terá feito o que pode ao encontrar e postular a lei; a realização depende da vontade corajosa e do vivo sentimento. Para que a verdade vença em sua luta com essas forças é preciso que ela mesma se torne, primeiramente, em força, e apresente como seu campeão no reino das aparências um impulso; pois impulsos são as únicas forças motoras no mundo sensível. (...) Nosso tempo é ilustrado (...), onde a causa de, ainda assim, continuarmos bárbaros? (...) Por não esta nas coisas, este algo que impede a compreensão da verdade, (...) deve estar no espírito dos homens²³.

A máxima ampliação do ser, portanto, é realizada quando o impulso formal domina e faz agir em nós o sujeito puro; as limitações desaparecem e o homem se transforma de unidade quantitativa, a que se vira restrito pelos sentidos carentes, em unidade ideal, que compreende todo o reino das aparências. Não mais estamos no tempo durante esta operação, mas é o tempo que está em nós com toda a sua sequência infinita. Não somos indivíduos, mas espécie; o juízo de todos os espíritos é pronunciado através do nosso, a escolha de todos os corações está representada em nossa ação²⁴.

Por conseguinte, o homem moderno tem que, por meio do caráter estético, onde razão e sensibilidade estão em uma harmonia, livre de conceitos, se elevar ao estatuto de homem integral.

A liberdade ganha com Schiller objetividade. Pode-se perceber que a sua filosofia tem muitas características objetivas: não se limita a compreender, mas sim em transformar. Diferente de Kant, seu objetivo não era apenas a compreensão das estruturas, formas, métodos, mas sim, com base dessa compreensão, o que fazer para transformar a sociedade. Poeta e filósofo, teórico e prático, Schiller como teórico busca pensar e responder ao problema do belo e

²³ Idem, pp.60 - 61.

²⁴ Idem, p.79.

da liberdade, ambos relacionados ao caráter estético do homem; como prático tem a proposta de resolver o problema da fragmentação individual e social, por meio do estético, possibilitando, pela educação formadora, uniformidade entre racionalidade e sensibilidade, entre individualidade e o Estado. Nesse sentido, podemos identificar, na proposta da estética de Schiller, essa função social e política, pois, por meio de conceitos teóricos, encontra soluções práticas contra a degenerescência social.

Como foi exposto anteriormente, da integralidade antropológica surge a solução para a fragmentação social. Mesmo tendo o homem descoberto quais são as máximas morais, de liberdade, universalidade e dever por dever, ainda assim falta ao homem moderno a capacidade de realizá-lo, pois lhe falta um apoio sensível, ou seja, de onde ele possa extrair a força necessária para executar o que foi anteriormente pensado. Por meio de uma educação estética, os impulsos sensíveis tornar-se-ão conformes com as máximas modernas de moralidade. Desse modo, surgirá a boa ação, proposta por Kant, por meio da ação bela que é a uniformidade na ação entre natureza e razão. Por meio da liberdade, de deixar a coisa mostrar-se por si mesma, perceberá o homem o belo, que o sensibilizará, de forma a integrar razão e impulsos sensíveis.

Com base no que foi explicitado, pode-se agora compreender, de forma mais consistente, a proposta estética-política de Schiller, fundada na educação estética. Só o homem integral pode ser capaz de construir uma sociedade integral, pois apenas por meio de boas constituições não é possível que se tenha a paz social desejada. Enquanto o homem não estiver apto a seguir regras, impostas pelo Estado, seguir de forma livre por desejo próprio, racional e sensivelmente, a sociedade estará comprometida em conflitos sociais, imperando assim a tirania, e abusos da parte do Estado, assim como desrespeito a leis e insatisfações da parte individual. Conforme o exposto, Schiller argumenta na carta XXIII:

A passagem do estado passivo da sensibilidade para o ativo do pensamento e do querer dá-se, portanto, somente pelo estado intermediário de liberdade estética, e embora este estado, por si mesmo, nada decida quanto a nossos conhecimentos e atitudes morais, deixando inteiramente problemático nosso valor intelectual e moral, ele é, ainda assim, a condição necessária sem a qual não chegaremos a conhecimentos e compromissos morais. (...) não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo antes, estético ²⁵.

É preciso transformar o homem, para que o homem modificado, pelo estético, possa assim substituir o Estado Natural pelo Estado Moral. Schiller transpõe a questão política, quase sempre voltada a reflexões acerca da constituição, sempre voltadas ao estado, para o homem. É preciso assim, como

²⁵ Idem, p.119.

o fez Copérnico com a natureza e Kant com a subjetividade, uma mudança de orientação, um novo olhar para as questões políticas. Esse novo olhar agora se reporta ao homem. Só o homem bem formado, sensivelmente e racionalmente, ou seja, só o homem estético, integral, pode transpor do âmbito teórico para o âmbito da prática as questões políticas e morais.

As *Cartas*, portanto, inauguram esse novo olhar ao estético e sua função política. Poeta, filósofo, político, historiador, Schiller, com forte influência do pensamento kantiano no âmbito filosófico e de Goethe, seu amigo, que muito o influenciou no que diz respeito à sua arte, foi um dos casos raros de um teórico prático. Isso está em completo acordo com sua teoria da integralidade antropológica que pode ser alcançada pela cultura estética que, em seu caso particular, se deu mediante a sua própria iniciativa de dar fundamento à sua arte e, em segundo momento, de dar arte à sua filosofia.

REFERÊNCIAS

CORDON, Navarro Manuel Juan. “*Repensar a Schiller*” in: SCHILLER, Johann Christoph Friedrich. *Escritos sobre estética*. Trad. esp. Manuel García Morente et al. Madri: Tecnos 1991.

FRANZINI, Elio. *A Estética do Século XVIII* [1995]. Trad. port. Lisboa: Editora Estampa, 1999.

SCHILLER, F. *Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade* [1795]. Trad. port. Roberto Schwarz. São Paulo: EPU, 1991.

_____. *Kallias ou Sobre a Beleza* [1847]. Trad. br. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.